



ARTIGO/DOSSIÊ

## APRESENTAÇÃO

EULÁLIA LEURQUIN  
FRANCISCO JOSÉ QUARESMA DE FIGUEIREDO  
MARIA JOÃO MARÇALO  
MARIA TERESA TEDESCO  
RITA DE CÁSSIA SOUTO MAIOR

### **Eulália Leurquin**

Pós-doutorado em Linguística do Texto/Discurso, pela Universidade Nova de Lisboa – Portugal.

Doutorado em Educação: Didática de Línguas, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em 2001.

Professora titular na Universidade Federal do Ceará.

Líder dos seguintes grupos: Gepla, na UFC (Grupo de Estudos e Pesquisas em Linguística Aplicada); Alter, na USP; Gramática e Texto, na Universidade Nova de Lisboa; Lidil, na Université Sorbonne Nouvelle 3; Histel, na Université de Genève.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8481500214152887>.

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-7532-1210>.

E-mail: [eulalia@ufc.br](mailto:eulalia@ufc.br) / [eulaliaufc@gmail.com](mailto:eulaliaufc@gmail.com).

### **Francisco José Quaresma de Figueiredo**

Doutor em Linguística Aplicada, pela UFMG, em 2001.

Professor da Universidade Federal de Goiás.

Líder do Grupo “Rede de Estudos sobre Aprendizagem Colaborativa e Telecolaborativa – REACT”.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1701940743664871>.

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-5936-1578>.

E-mail: [franciscofigueiredo@ufg.br](mailto:franciscofigueiredo@ufg.br).

**Maria João Marçalo**

Doutorado, pós-doutorado em Linguística – Second Language Acquisition, pela CMU-USA.

Professora da Universidade de Évora.

Membro investigador integrado do Centro de Estudos em Letras.

Lattes: <https://cienciavitaet.pt/E416-1A5B-06DF>.

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-8326644X>.

E-mail: [mjm@uevora.pt](mailto:mjm@uevora.pt).

**Maria Teresa Tedesco**

Pós-Doutora em Linguística, pela Universidade de Colônia, Alemanha.

Doutora em Linguística, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 2002.

Professora Titular de Língua Portuguesa da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – campus Maracanã.

Coordenadora do Grupo de Trabalho ANPOLL EAPLA – Ensino e Aprendizagem na perspectiva da Linguística Aplicada; Líder do Grupo de Pesquisa INTEGRA – Interação Texto e Gramática.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0395940520777127>.

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-6130-9517>.

E-mail: [teresatedesco@uol.com.br](mailto:teresatedesco@uol.com.br).

**Rita de Cássia Souto Maior**

Doutora em Linguística, pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL).

Professora Associada na Universidade Federal de Alagoas (UFAL).

Líder do Grupo de Estudos Discurso, Ensino e Aprendizagem de Línguas Literatura (Gedeall).

Coordena o Laboratório Linguagens, Gêneros e Sexualidades (LiGSe/UFAL).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1312070903160476>.

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-2613-8863>.

E-mail: [rita.soutomaior@fale.ufal.br](mailto:rita.soutomaior@fale.ufal.br).

A leitura e, principalmente, a produção de textos vêm sendo o centro de muitas discussões e pesquisas acadêmicas quando se tem como foco o ensino e a aprendizagem de línguas. As dificuldades verificadas na compreensão e na produção de textos levam muitos pesquisadores e estudiosos da área das Letras a buscar, evidentemente, não a solução definitiva, mas caminhos que levem a uma prática pedagógica mais objetiva e satisfatória no desenvolvimento da competência discursiva dos estudantes. É, neste contexto, que o número 54 da Revista Caderno Seminal se insere, fruto de pesquisas realizadas por membros do GT ANPOLL – EAPLA – Ensino e Aprendizagem na Perspectiva da Linguística Aplicada – sobre o tema *Processos de escrita na escola básica*.

Trata-se de tema abrangente, interdisciplinar, que deseja atravessar pontos essenciais sobre o desenvolvimento da escrita, a saber: leitura(s), letramento(s), avaliação, reflexões sobre metodologia(s), formação docente, formação discente, relação fala e escrita, escrita e ensino de língua materna, escrita e ensino de língua não materna e de línguas adicionais. Deseja-se que essa ampla temática esteja centrada em um pilar teórico-prático dual: discussão sobre escrita na escola básica, considerando a perspectiva sociointeracionista e os princípios teóricos da linguística aplicada. Esse recorte amplo e específico ao mesmo tempo carrega em si a necessidade de discussão acerca dos processos de ensinar e de aprender esta tecnologia tão fundamental, seus resultados, suas peculiaridades, bem como de se (re)visitarem as teorias que embasam os processos vigentes em sala de aula. Parte-se do pressuposto de que a escrita tem de ser aprendida na escola básica, pois é um conhecimento formal, que, sem dúvida, tem de estar

contemplado no fazer da escola. Não se pode afirmar, entretanto, que as condições para a produção da escrita sejam “dadas”, “ensinadas”, “desenvolvidas”, exclusivamente, pela escola.

Vincular as práticas de escrita somente ao processo de escolarização, nas práticas de sala de aula, é deixar de reconhecer as diferentes práticas letradas que existem na sociedade, nos diferentes grupos sociais e nas diferentes comunidades. Por que, então, um debruçar sobre as práticas de escrita na escola básica? Primeiramente, estamos alinhados à perspectiva teórica da Linguística Aplicada, que não está preocupada em aplicar uma teoria a um determinado contexto para testá-la. Debruça-se sobre problemas de relevância social suficientes para exigir respostas teóricas que tragam ganhos às práticas sociais e aos seus participantes, no sentido de uma melhor qualidade de vida, no sentido ecológico (Rojo, 2006). Assim, é inegável o caráter ideológico da pesquisa, bem como a relevância social da prática de escrita na escola – tanto para o desenvolvimento das habilidades de escrita dos estudantes da educação básica quanto para a formação dos licenciandos que se preparam para atuar nesses níveis de ensino. Nas últimas décadas, com o redimensionamento da importância da produção textual em exames de larga escala e vestibulares, as dúvidas sobre os processos de ensino e de aprendizagem da escrita têm se instalado como um grande mote de discussão. De um lado, cursinhos e plataformas de ensino de redação se multiplicam, evidenciando essa corrida do aluno (e do professor) pelo texto ideal; de outro, na escola básica, o processo de aprimoramento da escrita se desenha como um caminho cheio de dificuldades e de particularidades, discutidas nas rodas de conversa em grande parte das salas dos professores.

Para desenvolver as habilidades de leitura, o aluno necessita apurar sua capacidade de compreensão e de produção de sentido; a fim de desenvolver as habilidades de escrita, o que reverte em desenvolvimento da autonomia dos estudantes. Trata-se, na verdade, de um processo autoral, no qual o estudante precisa acionar seus conhecimentos linguísticos e extralinguísticos e selecioná-los para atender à situação-problema que é proposta para o desenvolvimento do texto (a proposta de escrita).

Embora não possamos afirmar que todos os alunos que concluem o Ensino Fundamental darão prosseguimento aos estudos no Ensino Médio, devemos considerar, por exemplo, que o final do Ensino Fundamental representa o encerramento de um ciclo básico da escolarização, quando o aluno já foi apresentado aos tipos textuais e aos principais gêneros textuais. É nesse período, portanto, que o/a estudante, o/a professor/a e a escola podem encontrar um ponto de partida e traçar uma nova rota que o encaminhe para a finalização da escolarização básica. É o momento em que ainda é possível desenhar um novo caminho para reparar desvios, sanar problemas e aprofundar as habilidades de escrita.

Para tanto, entendemos a perspectiva do interacionismo social e a centralidade do texto como ferramentas primordiais para a construção do ensino de língua, que deve formar alunos críticos e reflexivos. Por isso, nosso ponto de partida é destacar o texto como centro imprescindível do trabalho do professor de línguas.

Nesse sentido, alinhamo-nos às ideias presentes nos textos do Círculo de Bakhtin. Reflexões sobre sujeito, língua, discurso e texto norteiam os estudos do pesquisador, que postula o dialogismo como característica constitutiva e inseparável da linguagem, em

duas vertentes: o dialogismo que leva em consideração a interação verbal entre enunciador e enunciatário e o dialogismo textual ou intertextualidade. A linguagem é o elo entre os falantes (locutores e interlocutores). É ela que permite e estabelece a comunicação. A existência do ser humano está, portanto, condicionada ao outro. É a partir dessa interação que um ser se constitui como sujeito, visto que os sujeitos e suas existências dependem da interação com o outro.

Essa reflexão já nos traz, naturalmente, a segunda vertente do dialogismo, segundo Bakhtin, porque, assim como um indivíduo somente existe ao interagir com outro indivíduo, da mesma forma um texto constitui, na verdade, um fio de continuidade de/com outro texto. Um texto não surge misteriosamente, como algo inédito e primeiro – ele sempre será fruto de outro texto, traçando um caminho de reflexão e de refração continuamente. Para Bakhtin, a linguagem está presente em nossa vida como seres sociais. É por meio dela que se institui nossa formação sociopolítica, ideológica e social, pois, para o autor,

a verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas, nem pela enunciação monológica e isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua. (Bakhtin, 1997, p. 123).

Entendemos, pois, que não basta uma concepção objetiva de língua, pois esta não é algo objetivo, linear, com começo, meio e fim. Para Bakhtin, a língua se constitui em um vaivém, ou seja, é no fluxo da interação verbal que a língua se realiza. Para o filósofo, língua é

interação social, é diálogo e, principalmente, institui o indivíduo no mundo como sujeito. No início dos estudos do que viria a ser chamado de Círculo Bakhtiniano, o filósofo já defendia a tese de que a língua se desenvolve a serviço do pensamento não sendo, apenas, um conjunto de estruturas linguísticas. Essa ideia é corroborada por Travaglia (2009, p. 23), ao afirmar que

o que o indivíduo faz ao usar a língua não é tão somente traduzir e exteriorizar um pensamento, ou transmitir informações a outrem, mas sim realizar ações, agir, atuar sobre o interlocutor (ouvinte/leitor). A linguagem é, pois, um lugar de interação humana, de interação comunicativa pela produção de efeitos de sentido entre interlocutores, em uma dada situação de comunicação e em um contexto sócio-histórico e ideológico.

Nunca é demais lembrar que, como seres humanos, integrados na sociedade, como somos, agimos discursivamente, experimentando a escrita, o letramento em práticas diversas que são sociocultural e historicamente determinadas (Kleiman, 2008, p. 490). Portanto, os nove artigos reunidos neste número 54 discutem como esse processo de escrita é/está sendo desenvolvido na escola básica, considerando essa premissa. São descritos resultados advindos de práticas que revelam abordagens, dentro da sala de aula da escola, em múltiplas perspectivas, sempre voltadas para um olhar amplo da escrita, ou seja, voltado para a sua função social que extrapola as salas de aulas e os materiais didáticos.

Esse número está dividido em três seções, a saber: Produção escrita em Língua Portuguesa, que conta com quatro artigos; Produção escrita em Línguas Adicionais, com dois artigos; Produção escrita em materiais didáticos e na BNCC, com três

artigos sobre o tema. O fio condutor dos artigos está centrado na perspectiva do desenvolvimento de uma educação linguística dialógica, considerando reflexões sobre o ato do processo de aprendizagem da escrita, sem a preocupação de apresentar soluções metodológicas eficazes para o processo de ensino, pois se entende o desenvolvimento da escrita como, de fato, um processo que gera produtos, mas, sobretudo, que precisa ter desenvolvida a consciência linguística daquele(s) que escreve(m).

Na seção intitulada Produção escrita em Língua Portuguesa, o artigo de autoria de Marlon Cássio G. dos Santos, de Sinval Martins de S. Filho e de Francisco José Quaresma de Figueiredo, *A escrita colaborativa nas aulas de língua portuguesa: um estudo de caso sobre a produção de textos multimodais no Instagram*, tem como foco de análise a experiência didática de produção colaborativa de textos multimodais para o *Instagram* sobre a vida e a obra de Cora Coralina, nas aulas de Língua Portuguesa, trazendo uma perspectiva de vanguarda aos estudos sobre a escrita. Os autores têm como objetivo compreender em que medida a produção colaborativa de textos multimodais nos Grupos de Trabalho (GTs) contribui para a aprendizagem dos estudantes, considerando não só as necessidades de novas formas de comunicação vivenciadas em pleno século XXI, mas também a inserção, sobretudo, da juventude nestas práticas sociais. Logo, a escola não pode estar distante dessas novas ações languageiras em suas aulas de ensino da escrita. Como referencial teórico, os autores tomam como ponto de partida estudos envolvendo os multiletramentos e a aprendizagem colaborativa na produção de textos. Para tanto, os participantes deste estudo de caso são quinze estudantes da 3ª série do Ensino

Médio de um colégio da rede privada de Goiânia – Goiás. Os dados gerados, a partir das interações entre os estudantes, registradas em áudio, seus rascunhos e suas produções multimodais para o perfil @tropadacorinha, no *Instagram*, evidenciam que a produção colaborativa de textos multimodais e sua publicação no *Instagram* podem promover práticas de multiletramentos, revelando-se como prática pedagógica significativa, que favorece a formação de sujeitos críticos, reflexivos e atuantes nos diversos contextos comunicativos do mundo contemporâneo.

O segundo artigo – *O trabalho com a escrita na educação básica em contextos de opressão: educação linguística, metacognição e produção de textos como prática de liberdade*, de autoria de Laís Curvello M. de S. Crispim e Diego da S. Vargas, objetiva refletir sobre possibilidades para o trabalho com a escrita na educação básica em uma perspectiva transformadora. Estritamente alinhado com esta proposição, os autores buscam apresentar reflexões sobre como trabalho didático com a escrita pode-se desenvolver de maneira alinhada à ideia de educação linguística, dialógica e libertadora, na perspectiva freiriana, em um contexto em que professores e estudantes sofrem com sucessivas opressões no espaço escolar. Para embasar as reflexões, partem de pressupostos diversos, tendo como fio dialógico a Linguística Aplicada Indisciplinar. Os autores trazem para a centralidade do debate o ato de reflexividade dos professores e dos estudantes nas relações de ensino-aprendizagem desenvolvidas no espaço escolar. Nessa perspectiva, demonstram a premente necessidade de a escola, na figura do professor, oferecer aos estudantes a chance de pensar sobre o seu processo de aprendizagem e sobre as estratégias utilizadas nessa atividade de linguagem, ao

longo do processo de aprender a ler e a escrever, trazendo à discussão a abordagem metacognitivista, como meio de tomar consciência da realidade. A fim de ilustrar as atividades, os autores apresentam produções realizadas por três alunas da rede pública da cidade do Rio de Janeiro, bem como suas reflexões metacognitivas sobre seus processos de produção desses textos.

Eulália Leurquin e Meire Celedonio da Silva são as autoras do terceiro artigo intitulado *O letramento científico visto por estudantes do ensino médio técnico integrado*. De forma inovadora, as autoras se debruçam sobre a escrita em perspectiva interdisciplinar ao apresentarem resultados de uma pesquisa sobre a escrita científica de estudantes do ensino médio técnico integrado do Instituto Federal do Ceará. Para compreender os desafios enfrentados pelos estudantes nas práticas de leitura/escuta e produção de textos – orais e escritos – do campo de atuação “Práticas de Estudos e Pesquisas” (Brasil, 2018), as autoras focalizam o agir dos discentes em diferentes atividades de pesquisa nas áreas de conhecimento “Eletro” e “Química”. A base teórica são os pressupostos sobre os letramentos acadêmicos e as capacidades socioemocionais e sociolinguageiras. A pesquisa tem base qualitativo-interpretativista, com duas fases bem definidas: a primeira, voltada à geração de dados, ensejada pela aplicação de um questionário; e, a segunda, voltada para a realização do tratamento dos dados. Os resultados da análise revelam duas grandes noções: a das capacidades socioemocionais e a das capacidades sociolinguageiras. No primeiro, os estudantes disseram ficar nervosos quando precisavam socializar a pesquisa em eventos; no segundo, os informantes demonstram sentir dificuldades de entender o processo e a funcionalidade

da pesquisa. Como resultado parcial, a análise evidencia que os estudantes chegam ao Ensino Médio com dificuldades para interagir no contexto acadêmico, mas que, com as intervenções mediadoras, no ano seguinte, apresentam maior desenvolvimento em sua capacidade discursiva, o que fortalece a hipótese de que se trata de um processo de desenvolvimento da capacidade de linguagem, que requer atos de reflexão crítica sobre o próprio processo de aprendizagem, com mediação com vistas à autonomia discursiva.

Os autores Luciane Sturm, Marcos Mendes Lisot M. Gasperoni e Maria Teresa Tedesco, no artigo intitulado *Letramento jurídico e cidadania: o habeas corpus no ensino de língua portuguesa sob a ótica do interacionismo sociodiscursivo*, debruçam-se sobre um gênero inusitado na escola básica, o *Habeas Corpus*, para discutir a introdução do letramento jurídico no Ensino Médio por meio do ensino desse gênero textual, a partir do referencial teórico-metodológico do Interacionismo Sociodiscursivo e do Modelo Didático de Gênero (MDG). De forma original e progressista, o artigo concretiza a necessidade de aprendizagem da escrita como práticas sociais. De natureza qualitativa, bibliográfica e documental, a pesquisa objetiva apresentar fundamentos e resultados de investigação que culminaram na elaboração de um MDG do referido gênero. A proposta parte da relevância social e jurídica do *Habeas Corpus*, bem como de suas potencialidades pedagógicas na formação dos estudantes da escola básica, ciclo final. Visam à promoção de práticas de ensino de língua portuguesa emancipadoras e contextualizadas que articulem os direitos civis e humanos à formação linguística e cidadã dos estudantes. Como procedimentos metodológicos, foram analisados três exemplares autênticos do gênero em voga, utilizando

a perspectiva da Arquitetura Textual, além da sistematização das capacidades de linguagem nele envolvidas. Os resultados evidenciam as potencialidades da abordagem de ensino, a partir de gêneros, assim como ratifica o MDG como instrumento pedagógico profícuo para o desenvolvimento da linguagem, como uma possível alternativa metodológica, além de possibilitar e de auxiliar a construção de sequências didáticas sensíveis às demandas sociais contemporâneas, perspectiva estreitamente relacionada ao escopo deste número.

Ao abordarmos questões relativas à escrita, em geral, tendemos a focar a temática para a produção de textos voltada para a escrita da sala de aula de língua materna ou para a escrita criativa. Esse número 54 de Caderno Seminal amplia esta visão em consonância com as características do GT EAPLA que se debruça sobre pesquisas para o ensino e a aprendizagem de português como **língua** materna, como língua não materna e das **línguas adicionais**. **Essa perspectiva está concretizada na seção 2**, Produção escrita em Línguas Adicionais, que reúne dois importantes artigos, trazendo ampliação ao escopo de discussão proposto. Neuda Alves do Lago e Gelson Bueno Filho são autores do artigo pioneiro *Cohesion, coherence, and genre awareness in young learners' English writing: a case study from Goiás*. O artigo se propõe a analisar os desafios enfrentados por aprendizes de inglês como língua adicional, no nível A2 do Quadro Europeu Comum de Referência para Línguas, no desenvolvimento de textos coesos e coerentes. A análise baseia-se em produções escritas realizadas durante um simulado do exame Cambridge em um curso preparatório na cidade de Goiânia, Brasil. Foram identificadas dificuldades recorrentes na organização das ideias e no uso de preposições, conjunções e pronomes – aspectos fundamentais da coesão textual.

Esses dados são discutidos à luz de teorias contemporâneas sobre o desenvolvimento da escrita em língua adicional, com ênfase na influência interlinguística, na consciência linguística e nos conhecimentos acerca de gêneros textuais. Para o desenvolvimento da consciência linguística crítica, a exemplo do segundo artigo, os autores propõem estratégias pedagógicas como modelagem, reescrita com a mediação docente e *feedback* aos produtores de textos, direcionado ao favorecimento da produção de textos mais coesos, coerentes e adequados aos gêneros propostos.

O sexto artigo reúne os autores Alysson José da Silva e Aline Ribeiro Pessôa. Com o título instigante *Ressignificando o ensino de inglês na escola pública: um estudo com tarefas colaborativas de produção escrita*, a proposta delineada é a apresentação de resultados de um estudo qualitativo, fundamentado na teoria sociocultural, que investigou as implicações da colaboração no ensino de língua inglesa na educação básica, por meio de tarefas colaborativas de produção escrita de histórias em quadrinhos digitais. Nesta perspectiva, os autores unem produção escrita e tecnologia, indo ao proposto pelo primeiro artigo, que trata de ensino colaborativo, escrita e tecnologia. No artigo desta seção, os participantes da pesquisa são quatro estudantes do ensino médio de uma escola pública, localizada no interior da Bahia. Os insumos utilizados para as tarefas colaborativas foram filmes de animação cujos enredos abordam a superação de traumas, o *bullying* e o respeito aos idosos. Esses temas, associados à formação cidadã e a questões sociais relevantes para o contexto da educação básica, contribuem para a articulação das experiências de vida dos participantes com os conteúdos da disciplina, demonstrando a importância da leitura, da ampliação do conhecimento de mundo

para as atividades e da produção escrita. A análise dos dados evidencia que a interação entre os pares, mediada pela colaboração, favoreceu a coconstrução do conhecimento de estruturas linguísticas e proporciona a ampliação do vocabulário, sustentada pelo apoio mútuo e pela reflexão dos participantes sobre suas próprias produções e sobre as de seus pares, reforçando a premissa da consciência linguística para o processo de desenvolvimento da capacidade discursiva dos estudantes em qualquer ano de escolaridade. Os resultados do estudo apontam que a integração de tarefas colaborativas a atividades criativas de produção escrita constitui uma estratégia eficaz para o ensino de língua inglesa na educação básica.

Por fim, é indiscutível a importância dos materiais didáticos, sejam livros didáticos, apostilas ou cadernos pedagógicos, como suporte dos processos de ensino e de aprendizagem na escola básica. Outrossim, nunca é demais dizer que as ações pedagógicas da escola básica, no Brasil, devem estar alinhadas aos documentos normativos vigentes no Brasil, especificamente, à Base Nacional Comum Curricular, criada para ser referência para a elaboração dos currículos escolares. Esse documento normativo determina as aprendizagens essenciais que os estudantes devem ter desenvolvidas ao longo da educação básica. Qual a perspectiva teórica e metodológica que estes documentos e materiais trazem sobre a produção escrita? É a essa pergunta que os autores dos três artigos que compõem a seção intitulada Produção Escrita em materiais didáticos e na BNCC trazem para a discussão com os resultados (ainda que parciais) de suas pesquisas.

Rita de Cássia Souto Maior Siqueira Lima, Lorena Araújo de Oliveira Borges e Camylla Florinda Eugenio da Silva nos brindam

com o artigo *Discursos de ódio e o letramento discursivo: análise de dois livros didáticos de língua portuguesa, antes e depois da BNCC*. As autoras, de forma arrojada, enfrentam tema necessário da/na atualidade: o discurso do ódio. Com o objetivo central de investigar de que maneira os discursos de ódio vêm sendo problematizados ou silenciados nas práticas de ensino e de aprendizagem de Língua Portuguesa, com especial atenção ao impacto da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), publicada em 2017, nesse processo, propõem uma análise comparativa das discussões e das atividades propostas em duas edições do livro didático *Português Linguagens* (Editora Saraiva) do 7º ano: a 9ª edição reformulada (Cereja; Magalhães, 2015) e a 11ª edição (Cereja; Vianna, 2022), pois se constituem de dois momentos distintos de produção de materiais didáticos – antes e após a implementação da BNCC – e por ambas terem sido aprovadas para integrar o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). Os resultados apontam para um claro e perigoso distanciamento da abordagem da produção escrita nos materiais didáticos das práticas sociais de linguagem, negando, em alguma medida, o desenvolvimento da capacidade discursiva dos estudantes em perspectiva da cidadania, função fundamental da linguagem, na construção da identidade dos sujeitos que interagem, de forma permanente.

*Escrita e subjetividade na educação básica: uma análise discursiva da BNCC*, de autoria de Patrícia da Silva Valério, propõe-se à acurada análise da BNCC ao analisar o documento normativo (BNCC, 2018) com foco no uso do termo “produção de texto” na área de linguagens, especialmente no componente de língua portuguesa dos anos finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, com vistas a identificar a frequência, os contextos de ocorrência e os sentidos atribuídos ao

termo no documento. A pesquisa apresentada no referido artigo está integrada a um projeto de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo (UPF). Os pesquisadores/as investigam a escrita na Educação Básica como prática social de inscrição da subjetividade e da memória, fundamentados/as na perspectiva dialógica da linguagem, apoiando-se na concepção de linguagem de Bakhtin (2016) e Volóchinov (2018), compreendem a escrita como ato interativo em que o sujeito se posiciona e dialoga com outros discursos. A análise mostra que, embora a expressão “produção de textos” esteja presente no documento, o emprego se dá, na ampla maioria das ocorrências, para se referir a uma das práticas sociais preconizadas pelo referencial, sendo poucas as habilidades que fazem uso da noção de produção de textos na perspectiva de interação. De acordo com a concepção discursiva e enunciativa adotada, a autora defende a escrita como um tempo-espço de expressão da singularidade e da interação, não como uma mera atividade de reprodução de gêneros discursivos que mais parecem uma lista a ser cumprida, conforme identificado na BNCC, o que nos permite refletir sobre a concepção de língua e escrita presente no referido documento.

O último artigo que compõe este número 54 tem como autoras Maria Angela Paulino Teixeira Lopes e Eliane Geralda da Silva Fonseca. Em *Concepções e práticas de ensino de língua em materiais didáticos oficiais: um olhar sobre o plano de estudo tutorado de Minas Gerais*, as autoras examinam material didático conhecido como *Plano de Estudo Tutorado – Língua Portuguesa*, elaborado para estudantes do 1º ano do Ensino Médio, no contexto de pandemia pelo coronavírus (SARS-COV-2), em 2020. Para o desenvolvimento do exame proposto,

em consonância com os princípios da Linguística Aplicada, as autoras propõem uma interface dos estudos do letramento sob a vertente social e cultural com os estudos de perspectiva enunciativo-discursiva que concebem as práticas discursivas em interação. Para tanto, em seu escopo de análise dos dados, propõem-se à análise da seleção de textos e à proposição das atividades didáticas constantes de quatro volumes dos PET – Língua Portuguesa, o que possibilitou apreender as concepções de língua, linguagem e letramento subjacentes aos modos de tratar os processos de leitura e produção de textos, que, ainda, não efetivam os pressupostos teóricos que fundamentam a perspectiva colaborativa, mediadora, sociointeracional e dialógica que baliza esta obra.

Para finalizarmos esta apresentação, aludimos a Marcuschi, que afirma que “[n]uma sociedade como a nossa, a escrita tornou-se mais do que uma tecnologia; é um modo de produção textual-discursiva com suas próprias especificidades” (Marcuschi, 1997, p. 126). Sabemos que aprendemos a falar antes de escrever. Aprender a escrever é, antes de tudo, um ato político e de cidadania. Por isso, é preciso trazer ao debate acadêmico a importância dessas práticas de escrita na sala de aula básica, bem como nos cursos de formação de docentes, a fim de revertermos a situação de “empobrecimento da escrita” que ora vivemos. Este é o propósito maior desta publicação, que desejamos ser alcançado por nossos leitores e por nossas leitoras. Para tanto, agradecemos aos autores e às autoras que aceitaram fazer parte deste número do Caderno Seminal dedicado à Produção Escrita da Escola Básica, apresentando suas pesquisas, dedicando seu tempo acadêmico à temática tão necessária. Também julgamos importante reconhecer a importante função dos participantes das

diferentes pesquisas veiculadas, seja com os seus textos autorais, seja com os textos veiculados nos diferentes materiais didáticos. Sem os dados, encontraríamos muitas dificuldades na tão importante relação teoria-prática. Não podemos deixar de nos congratular com o Grupo de Trabalho EAPLA, que vem contribuindo em diferentes instâncias com reflexões sobre ensino e aprendizagem. Por fim, agradecemos as contribuições de nossa colega Professora Dra. Maria João Marçalo, da Universidade de Évora, ao aceitar compor a organização deste número, consubstanciando a importância da temática aqui discutida. Por fim, louvamos ao editor-chefe por aceitar o desafio do EAPLA. Aos leitores e às leitoras, desejamos as possibilidades dialógicas e de interação na reflexividade sobre as relações de ensino e de aprendizagem desenvolvidas nos espaços escolares e fora deles.

No inverno de julho de 2025, em diferentes territórios.

### REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 8.ed. São Paulo: Hucitec, 1997.
- KLEIMAN, A. Os estudos de letramento e a formação do professor de língua materna. In: *Linguagem em (Dis)curso – LemD*, n. 3, v. 8, p. 487-517, set./dez., 2008.
- MARCUSCHI, L. A. Oralidade e escrita. In: *Signótica*, v. 9, p. 119-145, 1997.
- ROJO, R. H. R. Fazer linguística aplicada em perspectiva sócio-histórica: privação sofrida e leveza de pensamento. In: MOITA LOPES, L. P. (Ed.). *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, p. 253-277, 2006.
- TRAVAGLIA, L. C. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática*. 14.ed. São Paulo: Cortez, 2009.